

A POÉTICA DO COTIDIANO: INQUIETAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O CORPO E A CASA

*THE POETICS OF EVERYDAY LIFE: CONCERNS ABOUT
THE RELATIONSHIP BETWEEN THE BODY AND THE HOUSE*

Gabriela Schmalfuss Borges

UFSM

Adriana Viebrantz Braga

UFPEL

Daniela da Cruz Schneider

FURG

Resumo

Este artigo explora como definimos os limites de uma casa e como criamos um espaço verdadeiramente nosso, influenciado pela vida cotidiana. Buscamos respostas por meio da prática artística, desenvolvendo duas produções poéticas ao longo de duas semanas, baseadas em ações diárias das pesquisadoras. Uma dessas produções foi representada por uma cartografia, e a outra por um bordado. Este artigo investiga a relação entre o ato de habitar e habitar-se, e discute as implicações do período pandêmico na relação dos indivíduos com o espaço doméstico. O objetivo foi examinar como cada um constrói sua própria poética cotidiana, tanto no ato de habitar-se, quanto de habitar o espaço ao redor. As produções foram analisadas à luz de referenciais teóricos e artísticos, revelando uma poética do cotidiano baseada nos processos diários de habitar o corpo e o espaço.

Abstract

This paper explores how we define the boundaries of a home and how we create a space that is truly ours, influenced by everyday life. We sought answers through artistic practice, developing two poetic productions over the course of two weeks, based on the researchers' daily actions. One of these productions was represented by a cartography, and the other, by an embroidery. This paper investigates the relationship between the act of inhabiting and inhabiting oneself, and discusses the implications of the pandemic period on the relationship between individuals and the domestic space. The objective was to examine how each person constructs their own daily poetics, both in the act of inhabiting themselves and inhabiting the space around them. The productions were analyzed in the light of theoretical and artistic references, revealing a poetics of everyday life based on the daily processes of inhabiting the body and space.

Palavras-chave:

Casa; cotidiano; poética; corpo.

Keywords:

Home; daily; poetics; body.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido como requisito de avaliação para a conclusão da Especialização EAD em Artes UAB da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Trata-se de um estudo sobre a percepção de como cada pessoa constrói, a cada novo dia, o seu cotidiano, por meio de uma série de metodologias e atravessamentos, compondo em si e em meio à casa modos de subjetivação.

Dentro dessa construção e reprodução diária da vida, a casa assume uma posição fundamental. A forma que nos relacionamos com o espaço doméstico diz muito sobre nós, intimamente ligada à nossa construção do cotidiano. Neste sentido, buscamos, para este trabalho, construir a poética do cotidiano baseada na criação de duas práticas artísticas, refletindo sobre a questão do habitar e habitar-se e sobre as implicações do período pandêmico na relação dos sujeitos com o espaço doméstico. As produções foram criadas após a reflexão gerada com três exercícios, a fim de compreender a dinâmica rotineira de cada pesquisadora.

Felippe (2010, p. 301), considera que “o habitar surge como a própria condição essencial da existência humana, anterior, portanto, a toda arquitetura: habitar é habitar o mundo, ser no mundo, existir”. De acordo com a autora, quando nascemos, a nossa primeira referência existencial é o espaço doméstico. Assim, a percepção do indivíduo se relaciona com a casa a partir de posturas de diferentes naturezas, que podem ser relações utilitárias, relações simbólicas sobre o espaço, ou até mesmo através das sensações que são geradas considerando os atravessamentos entre o ambiente e o indivíduo.

Entre 2020 a 2022, o Brasil enfrentou o auge da pandemia de coronavírus, a maior crise sanitária da história do país¹. O distanciamento social, imposto como uma das formas de diminuir a transmissão do vírus, impactou de forma significativa as rotinas de todos os brasileiros. O ambiente doméstico passou a ser espaço de trabalho, estudo, lazer e descanso. Assim, com o isolamento, a maneira de apropriação, simbologia e uso da casa passou por um processo de transformação. Neste sentido, buscamos compreender de que forma se constitui a poética do cotidiano, considerando inquietações entre o corpo e a casa, e de que forma cada

indivíduo se coloca nesse espaço. Avaliando o contexto pandêmico, podemos perceber marcadores de sentido de acordo com o lugar de cada integrante do grupo familiar.

Um estudo coordenado pela Universidade de São Paulo (USP)² aponta as mulheres como as mais acometidas pelos sintomas de sintomas de depressão, ansiedade e estresse com a pandemia. Entre as que participaram da pesquisa, 40,5% apresentaram sintomas de depressão, 34,9% de ansiedade e 37,3% de estresse a partir de março de 2020. A pesquisa cita que entre os possíveis desencadeadores do quadro, está o fato de que muitas cumprem dupla jornada, acompanham o desenvolvimento escolar dos filhos e, na pandemia, mais pessoas permaneceram dentro de casa, além das preocupações relacionadas ao próprio vírus. Tendo em vista que a maioria dos lares brasileiros está organizado com base em uma estrutura patriarcal, o gênero feminino sofreu com a sobrecarga física e mental neste período, o que, é claro, afeta de maneira significativa a forma que as mulheres se relacionam com o ambiente doméstico.

A pesquisa se mostra pertinente quando pensamos este espaço como potencial gerador de uma prática artística material, como também na própria rede de afetos, emoções e sentimentos que despertamos por meio de nossas ações cotidianas e imateriais. Além disso, coloca luz sobre o cotidiano, algo inerente a todos os seres humanos e que nos faz sentir pertencentes à realidade.

Afinal, somos seres diferentes, únicos, dotados de características e identidade própria, experimentando modos de viver, conviver e sobreviver. Mesmo assim, muitos experimentam sensações e sentimentos parecidos sob determinadas circunstâncias, reagindo de formas diferentes, habitando-se, habitando os espaços e se deixando habitar. Esta é a nossa poética do cotidiano, é a nossa criação artística diária, que queremos explorar com a pesquisa.

ASPECTOS METODOLÓGICOS: PESQUISA ARTÍSTICA

Nossa pesquisa se configura como uma pesquisa em arte. Por meio dela, teremos em vista a prática do cotidiano como uma possível performance

e nós, enquanto pesquisadoras, analisamos as nossas próprias práticas cotidianas através da observação, registrando nossas ações cotidianas, num breve período estipulado pelas pesquisadoras. Além disso, utilizamos também o método de revisão bibliográfica para complementar o trabalho escrito.

Como ressalta Icleia Cattani (2002), é preciso que nós, enquanto pesquisadoras, tenhamos em mente um pensamento visual, que norteará toda a pesquisa. Esse pensamento seria construído considerando a formação ampla das pesquisadoras em outras áreas do conhecimento. Tendo isso em mente, entendemos que a nossa dupla, composta por uma jornalista e uma arquiteta, será capaz de desenvolver esse olhar crítico e comprometido.

Segundo Rey (2002), não existe na arte “um corpo teórico, nem regras universalizantes que possam estabelecer uma conduta traçada a priori pelo artista”, deve ser um processo criado pelo próprio artista, ele inventa a seu modo. E a pesquisa em Artes Visuais submete-se a prática e a teoria, onde conceitos são subtraídos de procedimentos práticos e investigados sob a lente da teoria (Rey, 2002, p. 125).

Para Rey (2002), na pesquisa, é muito mais importante colocar questões do que achar as respostas, e fala que “a arte produto de pesquisa não se limita à simples repetição de fórmulas bem-sucedidas”; e segue: “a pesquisa faz avançar questões da arte e da cultura, posicionando-as e ou apresentando-as sob novos ângulos”. Também lembra que “toda obra de arte é uma resposta singular a um estímulo”, é “uma visão de mundo particular, através da constituição de linguagens” (Rey, 2002, p. 127-128). Com este ponto de vista, podemos afirmar que o poético do nosso cotidiano é uma forma de criar uma obra de arte, já que é algo que parte de um conjunto de nossas ações diárias e podem ser codificadas, cartografadas e expressadas em atos ou símbolos, através de uma série de imagens e de bordado com linhas.

Sousa & Tessler (2012, p. 9) apresentam uma reflexão sobre espaços de trabalho, os tempos-espaços, os deslocamentos que se configuram como setas e orientam o pensamento poético, o que justifica que o trabalho pode acontecer em qualquer lugar, porém, é necessário traçar uma cartografia desses espaços. Eles se dividem

em: espaço para pensar, espaço para pensar e produzir, espaço para realizar e espaço a ser elaborado (exposição e distribuição do trabalho).

A nossa pesquisa poética propõe registros diários de “lugares-tempo, anotando lugares de processos, lugares para o registro do breve, daquilo que não permanece, do evanescente, daquilo que passa” e “acreditam que espaços poéticos se constroem na errância” (Souza; Tessler, 2012, p. 15). Sendo uma pesquisa em artes, o produto, ou obra artística, foi a construção ou criação de duas obras de arte, desenvolvidas pelas autoras deste trabalho. Para ilustrar as ações que foram colocadas nestas produções artísticas, alguns pontos foram capturados durante as três ações diárias previstas pelas autoras. A primeira ação foi destinada ao percurso diário dentro da casa; a segunda ação foi destinada aos deveres e cuidados no cotidiano, numa janela de tempo determinada por cada autora; e a terceira ação foi destinada aos afetos no cotidiano, aqueles seres, animais e humanos, que temos afeição e fazem parte do nosso lar. Estas três ações formaram a base para cada autora concluir seu produto artístico que serviu de base para a escrita reflexiva, que foi um dos instrumentos avaliativos para chegar ao objetivo final desta pesquisa. Não houve coleta, nem tratamento de dados, já que se trata de uma pesquisa em Artes, e a escrita reflexiva se desenvolveu segundo o que estava acontecendo no cotidiano das duas pesquisadoras.

DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS

Nos compreendemos enquanto seres humanos, corporificados, por meio da nossa relação com os outros e os espaços. Passamos a existir quando nos sentimos integrantes e partes de algo. Para Felipe (2010), o espaço do habitar passa pelo entendimento das qualidades do ser humano, enquanto sujeito. Nesta perspectiva, a forma que nos relacionamos com o espaço diz respeito às nossas subjetividades, a forma que encaramos o mundo, os outros e nós mesmos.

A autora apresenta a percepção espacial da casa, fala sobre o universo espacial de um indivíduo, sobre as dimensões “ambiente” e “pessoa” e a relação entre os dois, assim como a realidade objetiva moldada por representações que as pessoas constroem. Discorre sobre as considerações sobre espaço concreto e as influências que as

experiências individuais exercem na construção do significado destes espaços. Logo, a organização do espaço construído pode possuir formas variadas dependendo da bagagem cultural e histórica de cada indivíduo. Ao observar a natureza do objeto arquitetônico, é possível perceber que ele está diretamente ligado à condição humana.

Espaços muito generalizados, sem intenções específicas, sem um programa de necessidades, são projetos desprovidos de propósito. Logo, a experiência, a bagagem, a visão de mundo da pessoa que o utiliza, de acordo com as atividades que serão desenvolvidas nele, vai estabelecer um significado para este espaço.

Vale destacar que essa relação é cíclica, ou seja, ao mesmo tempo que colocamos nossos valores, desejos e formas de viver sob o ambiente, o ambiente também nos afeta e nos transforma. Felipe (2010, p. 300) ressalta: “admite-se que não só o meio exerce influência sobre os indivíduos, mas os indivíduos, reciprocamente, exercem influência sobre o meio”. Desse modo, podemos considerar que a reprodução da vida, todos os dias, dentro no espaço físico da casa, no qual organizamos o espaço a partir de nossos corpos, têm em si um quê artístico, performático e poético. Como nos lembra Silva (2008, p. 391), “um Corpo nunca é o mesmo, a sua identidade é sempre diferida em cada experiência e a somatização constante dessas experiências de diferentes forças e intensidades faz o Corpo”.

O entendimento vai ao encontro do pensamento de Gilles Deleuze. O filósofo compreende que todos os instantes do tempo eram mutáveis, se firmando como potências. O ser humano, porém, tentou instituir rotinas sobre a vida, na ânsia por repetições que estabelecessem uma certa ordem no mundo. Com a premissa que tudo se transforma a cada momento, Deleuze acredita que seria impossível a construção de uma identidade fixa, pois esta seria permanentemente alterada e passível de atravessamentos. A única certeza, entretanto, seria a constatação das pessoas enquanto seres desejantes e realizadores. Assim, o desejo “faz constantemente a ligação de fluxos contínuos e de objetos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, corre e corta” (Deleuze; Guattari, 2004, p. 11, apud Silva, 2010, p. 393).

Virgínia Kastrup (2001) nos auxilia a compreender o pensamento de Deleuze. De acordo com ela, de maneira geral, consideramos que formamos hábitos contemplando, com o intuito de estabelecer uma separação mental entre a criação do hábito e da ação em si, concreta. Mas para Deleuze, esta seria, porém, a condição necessária para efetivação da ação, ao invés de a ação ser a condição do hábito. Segundo Deleuze (1988, apud Kastrup, 2001, p. 19), só a ação motora não substituiria o privilégio da sensibilidade como origem da aprendizagem, logo, deverá existir, antes de tudo, uma aprendizagem da sensibilidade.

É importante avaliar como todos nós, em nossas diferentes formas de enxergar, criamos hábitos para ocupar o nosso lugar no mundo e, inclusive, partilhamos muitos destes hábitos. Afinal, são eles que definem a nossa relação com o tempo, estabelecendo dinâmicas, intensidades, tempo de resposta e espaços de descanso. Além disso, são os hábitos que “criam também uma disposição para agir e, mais do que isto, para buscar certas situações em que eles possam se realizar” (Kastrup, 2001, p. 19).

Kastrup explica que o interesse de Deleuze é avaliar a inventividade que atravessa o nosso cotidiano, permeando o funcionamento cognitivo de todas as pessoas. “O pensamento de Deleuze convida à adoção da arte como uma perspectiva, como um ponto de vista a partir do qual a aprendizagem é problematizada” (Kastrup, 2001, p. 19). Neste sentido, o espaço da casa poderia ser compreendido segundo o conceito deleuziano de território. Para ele, o território organiza os limites para a ação, porém, estes limites não seriam firmados pela questão de espaço e sim, fundamentados em noções simbólicas e semióticas. Deleuze entende que elas são formadas em um processo de aprendizagem, voltado ao território, um aprendizado territorial.

Aprender não é somente ter hábitos, mas habitar um território. Habitar um território é um processo que envolve o “perder tempo”, que implica errância e também assiduidade, resultando numa experiência direta e íntima com a matéria. Não basta o decorrer do tempo cronológico, embora a repetição da experiência ao longo do tempo seja uma condição necessária (Kastrup, 2001, p. 22).

O habitar seria realizado no “território onde me sinto em casa, tenho habilidades e realizo

movimentos que parecem espontâneos” (Kastrup, 2001, p. 22), podendo afirmar, assim, que o conceito de cotidiano é uma invenção, reproduzido em acordos sociais firmados todos os dias.

Para entendermos o espaço da casa inserido na poética do cotidiano, podemos citar Bachelard (2008), que filosofa sobre a poética da casa no capítulo “A poética do Espaço”, do livro dos pensadores. O autor nos coloca questões como a existência de aposentos secretos, aposentos desaparecidos que se constituem em moradias para um passado esquecido, e o repouso, afinal, como ele encontra situações privilegiadas? Para ele, é importante refletir sobre refúgios efêmeros e abrigos ocasionais que recebemos de nossos devaneios íntimos, valores sem base subjetiva. E é na imagem da casa que temos um verdadeiro princípio de integração psicológica, descritiva, de profundidade, pois para ele “a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo” (Bachelard, 2008, p. 196)

Podemos entender a dimensão Casa e Corpo através da visão de Felipe (2010, p. 303). Ele cita as analogias de como o ser humano também atribui espírito e alma à casa. Para ele, tarefas e hábitos cotidianos podem ser vistos como rituais, e também acredita que os movimentos de seus corpos e sua vitalidade se juntam ao espaço da casa, eles complementam e modelam o lar.

Felipe (2010, p. 307) menciona os espaços vazios da casa como um universo de potencialidades. Cita que “em seu sentido mais amplo, o espaço não é apenas o lugar das realizações, do mundo organizado, construído” e ainda, “é também o lugar do ainda não realizado, do que apenas se insinua como possibilidade”. Ele descreve que o espaço é composto por duas frações: o mundo realizado (é algo palpável, materializado, criado e recriado pelo homem ao longo do tempo), e o das potencialidades (identificado como o caos das origens e de onde tudo advém).

Sobre o corpo, Silva (2008) registra que “todo o homem habita uma máquina social técnica (um país e o seu Estado, uma religião, uma cultura, uma justiça, uma língua, etc.)” e o seu corpo “condiciona um conjunto de modos de vivências e práticas aos vários indivíduos” (p. 396-397), habitando somente aquilo que deseja. O corpo sem órgãos em

sua construção, sem separar corpo e mente/espírito, compreende em seu espaço virtual, suas falhas, bloqueios e hiatos. Num processo de autoconhecimento, procuramos aquilo que nos define como indivíduo único e pessoal, a “partitura concretizada pelo corpo e voz” (Silva, 2008, p. 396) e incluem igualmente as respirações, emoções, movimentos e outros. Já o corpo invisível (um novo corpo), se vê uma projeção de um corpo fantasmático (implicando o seu conceito familiar, o fenômeno) também chamado por corpo virtual, aquele que nós vemos, mas o outro não vê. Este um conceito é importante levarmos em consideração na pesquisa, pois discorre esta relação entre corpo material e o idealizado por nós.

Cavalcante (2012) aborda o espaço da casa como sendo um local sagrado, seguro, tipo um santuário. Para ele, o ato de habitar vai além de possuir uma habitação, é muito mais. E para adquirir a condição de habitabilidade, é necessário que este local adquira uma significação para quem o habita. O espaço deve ser dinâmico e flexível, acolhedor. Sob uma ótica mais geográfica, é necessário haver uma cumplicidade entre a Terra e o homem.

A ARTE NA QUARENTENA

Para Samantha Prado (2020), “a arte é singular, assim como seus processos”. Segundo ela, durante a pandemia de Covid-19 já era esperado “que o fazer artístico apresente as diferentes subjetividades daqueles que os produzem”. Em sua pesquisa, uma estudante de jornalismo, dedicada à fotografia, ilustração e colagem digital, declarou que na quarentena foi fundamental para gerenciar o estresse do período em isolamento, e considera que sem arte, teria enlouquecido. E ainda, que o período foi bastante produtivo artisticamente, de forma positiva.

Iniciada em 2020, a crise sanitária enfrentada pelo Brasil em decorrência da pandemia fez com que arte se firmasse como uma forma de escape do presente. Ela absorve quem está em processo de criação, desligando e aliviando o estresse causado neste momento de pandemia. Para outra estudante, aluna de biblioteconomia e bordadeira, a arte foi uma forma que encontrou para lidar com a ansiedade e ter “controle sobre as coisas”. Em outro relato, uma estudante de editoração e ilustradora teve dificuldade em criar novidades,

se sentiu muito impactada e abalada emocional e psicologicamente pelos acontecimentos, refletindo em sua arte (Prado, 2020).

Através dos relatos trazidos por Prado (2020), é possível perceber que a pandemia trouxe sentimentos e impactos bem distintos no cotidiano de cada um de nós. Principalmente as pessoas que trabalham com arte, parecem estar mais sensíveis aos acontecimentos, sendo que, uns foram impactados positivamente, outros, negativamente. Com a compreensão e reflexão sobre este momento, um capítulo histórico muito triste na história do mundo, o nosso trabalho busca revelar, por meio das duas produções artísticas, esses sentimentos mais íntimos e ocultos que nos afligem.

Assim, entendemos que a construção do dia a dia - que compreende tanto a reprodução das rotinas domésticas, quanto a simbiose entre corpo e casa -, se configura como uma espécie de performance, que contém em si elementos subjetivos, atravessados pela consciência artística e corporal de cada um. Para tanto, trabalhamos os conceitos de poesia e poética. Almeida (2018, p. 105) destaca que “a poesia é algo que escapa à lógica e à linearidade”, abrindo-se a uma “infinitude de facetas, dimensões e visadas com as quais o Ser é apreendido”. Ela se usa de instrumentos variados e se comporta como se fosse a construção de um mosaico. Utilizando-se de variadas ferramentas de linguagem, oferece ao autor uma maneira de criar novos mundos a partir daqueles que ele conhece, desde linguagens reais até as ainda não inventadas.

Almeida (2018) explica que para Heidegger o pensar e o poetizar são distintos, mesmo servindo a mesma linguagem. Segundo o autor, a dimensão do pensar mesmo em toda sua profundidade pode constituir-se em poesia e acender “a um estado de coisas em que a própria linguagem, inescapavelmente, é poética” (Almeida, 2018, p. 107), e ainda, identifica que a poesia cria seu próprio universo de imagens, tem caráter lúdico e pode transladar-se “da seriedade do mundo das decisões e ações” (Ibidem, p.105). Sendo a poesia um escape do mundo real através da literatura, se chega à pergunta: “Como, então, o habitar humano pode se fundar no poético tendo a poesia função meramente literária”? Sendo a arte

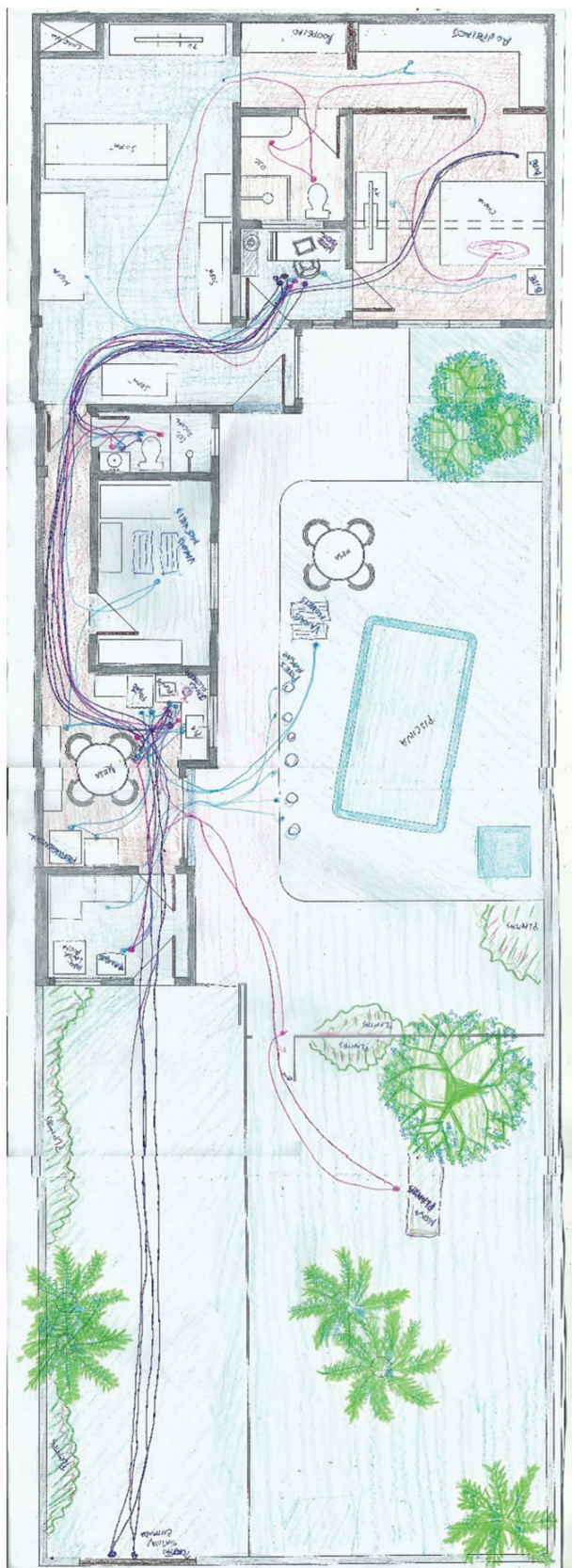
poética algo não real, logo, o habitar (poético) não será o mesmo habitar humano normal. É necessário pensar na moradia como algo poético e que “se reduz à dinâmica de criação pela fantasia” (Ibidem, p.106), não somente ver a moradia com comportamentos humanos e sim com a “essência humana” (Ibidem, p. 68). Sendo presença humana fundamental para o habitar, e “o poético está na relação com o habitar essencial e vigoroso” e “o habitar da expressão lembra que é a poesia que possibilita ao habitar ser o que é, ela é o deixar-habitar próprio” (Almeida, 2018, p. 105-107).

Algumas artistas reconhecidas no mundo das artes criaram obras que se comunicam com a nossa proposta, entre elas, Suely Rolnik, Lygia Clark, Louise Bourgeois, Ana Amorim e Aline Bei. Acreditamos que estas artistas e suas obras contribuem de alguma forma com o desenvolvimento do nosso trabalho.

CARTOGRAFIA POÉTICA DO COTIDIANO

A pesquisadora 1, Adriana, desenvolveu como produto artístico, a “Cartografia poética do cotidiano”. Para a primeira ação (Figura 1), foi necessário o uso da impressora para plotar a planta baixa de sua moradia. Lápis de cor para colorir a planta baixa, dando destaque e diferenciando alguns aspectos para dar mais clareza e entendimento à ação. Canetas coloridas para riscar os trajetos realizados, em três etapas, sendo elas: das 9:30h às 11h (caneta rosa); das 11h às 12:30h (caneta azul); e das 12:30h às 13:30h (caneta roxa). Para a segunda ação (Figura 2), foi necessária uma câmera fotográfica para efetuar o levantamento fotográfico dos trajetos durante as ações diárias nos 3 dias, das 12:30h às 13:30h. Depois foi construída a montagem em sequência, e confrontadas para perceber variações sutis ocorridas diariamente. A terceira ação (Figura 3) precisou de papel sulfite e lápis de cor. Foram capturadas imagens dos “afetos” (animais de estimação e pássaros que pousavam diariamente no pátio durante a pandemia). Foi elaborada uma montagem com desenhos autorais, baseados nas imagens capturadas. Estas três ações colaboraram para a construção da produção artística da pesquisadora 1.

Após a realização das três ações, procedeu-se à iniciação da cartografia poética (Figura 4).



Dia Único - 14/09/21

As atividades a seguir são uma amostra de ações diárias do cotidiano, desenvolvidas entre às 9h30 e 13h30.

Manhã - a partir das 9h30 até 10h59

Ações: Acorda; sai da cama; passa pelo roupeiro; vai ao quarto; vai para a cozinha; faz café; vai na pia lavar a louça; vai ao WC social; vai para o notebook; vai para a cozinha; pega a plantinha que está na pia; vai na mesa do pátio colocar a plantinha lá; volta para a cozinha; vai até a área de serviço; volta para o notebook.

Manhã - a partir das 11h00 até 12h30

Ações: Sai do notebook; vai no WC Social. vai no quarto do corredor; pega dois varais e leva para o pátio e vai até o balcão da área de serviço; pega a ração e volta para o pátio abastecer os potes; volta para a cozinha e começa a fazer o almoço; vai até o refrigerador, até a pia, fogão, fornilho, pia, mesa; tira a louça e vai para a pia lavar após o almoço; vai para o wc social; vai até os roupeiros abrir as portas para arejar; vai até a tv do quarto para desligar; vai até o bidê direito pegar o celular; volta para o notebook.

Manhã - a partir das 12h30 até 13h30

Ações: Sai do notebook; vai até o portão da rua; volta até o bidê esquerdo para pegar o celular; volta até o portão da rua levar o celular; vai para a cozinha; vai até a pia ligar a jarra elétrica; faz o café preto; vai até o notebook; vai até o wc social; volta para o notebook ver a aula que vai iniciar.

Figura 1 - Ação 1 - Percurso (Pesquisadora 1).
Fonte: Arquivo da pesquisa (2022).

Dia 1 - 15/09/21 - entre 12h30 e 13h30 - Sequência de fotos ilustra as ações e percurso diário, realizados no cotidiano.

Dia 2 - 16/09/21 - entre 12h30 e 13h3, foi feito o mesmo percurso do dia 1.

Dia 3 - 17/09/21 - entre 12h30 e 13h30, e de novo o mesmo percurso dos dias 1 e 2.

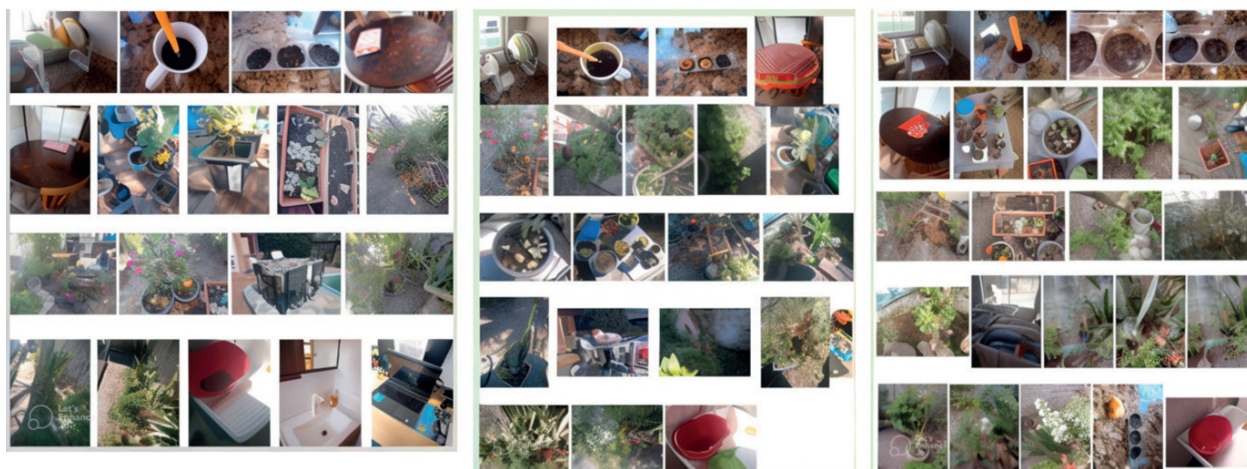


Figura 2 - Ação 2 - Tarefas (Pesquisadora 1).
Fonte: Arquivo da pesquisa (2022).



Figura 3 - Ação 3 - Afetos (Pesquisadora 1).
Fonte: Arquivo da pesquisa (2022).

A obra em si, produto da pesquisa em Artes, é fruto de 3 ações cotidianas realizadas em sequência, conforme a descrição delas aponta. Após reunir as 3 ações, juntamente com referencial

teórico, surgiu uma cartografia oriunda destas ações cotidianas realizadas. Esta cartografia foi desenhada com a intenção de trazer sentimentos e reunir emoções, exteriorizando



Figura 4 - Cartografia poética do cotidiano (pesquisadora 1).
Fonte: Arquivo (2022).

de forma visual, os locais conforme a autora enxerga, dentro do espaço da casa, habitando o corpo e a casa. As linhas são os trajetos diários percorridos cotidianamente, os desenhos são as representações da ocupação destes espaços, uma forma de descrever através de símbolos e sinais aquilo que os representa, frequenta, habita no cotidiano, plantas, roupas, passos, as mãos da árvore grande que abraça, ondinhas da piscina, as cabeças pensantes, animais, calor (da lareira), locais para visualizar a TV, local de estudar e usar o notebook, local de tomar banho de sol, dormir, a seta azul indica o Referencial usado na produção da cartografia do cotidiano.

Bachelard (2008) apresenta em seu livro “A poética do espaço” valores da intimidade do espaço interior, descreve a casa como um ser privilegiado, dotado de unidade, complexidade e valores particulares reunidos num valor fundamental. A casa pode fornecer imagens dispersas, e também, um corpo de imagens, que vai desde a imaginação até a realidade. “[...] a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos” (Bachelard, 2008, p. 200-201). E ainda fala sobre o fato de podermos encontrar muitos “intermediários entre a realidade e os símbolos se dessemos às coisas todos os movimentos que elas sugerem” (Bachelard, 2008, p. 204).

As pessoas poderiam falar mais sobre suas estradas, entroncamentos e bancos. Falar mais sobre o seu universo e desenhar mais seus momentos vividos, não necessariamente serem

exatos, apenas dar tonalidades a eles através do espaço interno delas. Sendo que antes de vir uma ação, a imaginação toma conta da mente e muitas ações imaginadas não são executadas. Os valores impostos aos abrigos são profundos e enraizados no inconsciente, e a matriz exprime cores, a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões e ilusões, estabilidade e realidade. Ao distinguir todas as imagens de uma casa, podemos revelar sua alma. (Bachelard, 2008, p. 206-208). Referenciando Baudelaire, Bachelard diz que “num palácio, não há nenhum lugarzinho para a intimidade” (2008, p. 216). Assim, segundo o autor, é preciso procurar na casa múltiplos centros de simplicidade, e buscarmos a permissividade do refúgio, devemos buscar as situações sonhadas, além das vividas.

Juhani Pallasmaa (2011), em seu livro “Os olhos da pele”, diz que os sentidos, visão e a audição são considerados os socialmente privilegiados, e os outros três resquícios sensoriais arcaicos, com função privada. O prazer olfativo de uma refeição, o sentir a fragrância das flores, sentir a temperatura local, chamam a atenção coletiva. Porém, a dominância da visão sobre os outros sentidos, sempre foram vistas pelos filósofos, esta relação faz a conexão histórica entre visão e conhecimento, visão e ontologia, visão e poder, visão e ética. A visão é a nossa relação com o mundo, porém, é importante estudar a relação entre visão e os outros sentidos (Pallasmaa, 2011, p. 17). Cita ainda:

As práticas estéticas e culturais são peculiarmente suscetíveis às experiências mutáveis de espaço e tempo, precisamente porque se envolvem com a construção de representações espaciais e artefatos oriundo do fluxo da experiência humana (Ibidem, p. 21).

Em seu livro, "Habitar", o autor também descreve a relação entre o habitual e o espaço dela. Domesticar e controlar este espaço, às necessidades de domesticar o tempo, reduzir a escala da eternidade, pois somos incapazes de viver no caos espacial, são dimensões humanas com duração contínua (Pallasmaa, 2016, p. 9). Na mesma obra, Pallasmaa traz reflexões de Bachelard sobre a "casa onírica", aquela imaginativa, dos sonhos, onde tomamos decisões no campo da imaginação, sobre quantas plantas queremos ter, e outros aspectos, tomando decisões que vão do porão ao sótão. Sendo o sótão, o local das situações agradáveis, e no porão, ficam guardadas as coisas desagradáveis (Bachelard, 2008 apud Pallasmaa, 2016, p. 11).

Pallasmaa (2016) faz uma ligação desta casa onírica com as nossas almas, mesmo construindo casas grandes que satisfazem nossas necessidades físicas, não seria satisfatório, sem essência. Nós lhe atribuímos a essência, damos identidade a ela, integramos recordações, imagens desejos, medos, passado e presente. Um local de rituais, ritmos pessoais e rotinas diárias, este local tem dimensão temporal e continuidade (Pallasmaa, 2016). Descrever o local que se vive tem relação com o pertencimento, tem simbologia para quem o descreve. Traz emoções, memórias de experiências e situações vividas, boas ou ruins, do passado e do presente. A casa tem essência e intimidade que permite à pessoa recordar sua própria identidade. A casa é um cenário de memória pessoal, pode despertar medos e angústias, trazer memórias inclusive de sensações térmicas, como o calor, e em situações como, a casa dos avôs, nos traz nostalgia (Pallasmaa, 2016).

O lugar e a identidade têm forte ligação, as pessoas podem atribuir linguagem para descrever os espaços, como: minha casa, meu espaço, meu lugar preferido, estabelecendo uma relação com eles, neste caso, de posse. Lugares podem ser tidos como, privados ou públicos, sugerindo, espaços íntimos e os menos íntimos, demarcando territórios pessoais. Atribuindo a eles sensações

de segurança, intimidade, sociabilidade, entre outros, que nos faz habitar com intensidade nossas casas (Pallasmaa, 2016).

Rodrigo Santos lança um olhar sobre o corpo e o espaço. Um corpo sem orientação definida, orientado num nível geral da experiência, entrelaçando corpo e espaço. "O poder de mudar de nível e de compreender o espaço vem com a 'posse' de um corpo, assim como a 'posse' da voz traz consigo o poder de mudar de tom" (Santos, 2011, p. 9). Ele menciona relações orgânicas entre sujeito e espaço, o sujeito em queda livre e amparado em outros entrelaçamentos do espaço com a percepção, indicando em seu interior, sua corporeidade. Seu corpo se comunica com o espaço ao redor, apreendendo seus signos e significando estes espaços (Santos, 2011). O corpo, experiência detalhes e aprende com a totalidade dos espaços, que geram um movimento no corpo, ao tentar desenhar as trajetórias percorridas neste espaço, o corpo "tenta retomá-las, assumi-las e reencontrar seu sentido imanente" (Santos, 2011, p. 10).

Suely Rolnik (2006) escreveu sobre o manual do cartógrafo. Ele deve levar em seu bolso, um critério, um princípio, uma regra, um breve roteiro de preocupações. Seu critério de avaliação é a intimidade que cada um se permite, a cada momento, de caráter finito e ilimitado, de acordo com seus medos e desejos em relação a sua condição humana. Podendo ele dar maior ou menor elasticidade a seu critério, e nunca esquece o limite imposto através da intimidade e da tolerância de acordo com a desorientação e reorientação de seus afetos, sendo algo como "limiar de desterritorialização", sendo este, o "limiar" de sua obra. De posse de informações, poderá definir a melhor prática a ser adotada, e as "estratégias das formações do desejo no campo social". Análise do desejo, está condicionada à escolha de como viver, e dos critérios sociais inventados e reais. Na obra de Rolnik, as práticas do cartógrafo, são políticas, não tendo a ver com poder, no sentido de soberania e dominação, e sim, com "o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento" (Rolnik, 2006 p. 61-70).

Lygia Clark possui um trabalho extremamente relevante, juntando três elementos artísticos: artista, obra e espectador. Sua trajetória



Figura 5 - Bordado poético do cotidiano (pesquisadora 2).
 Fonte: Arquivo da pesquisa (2022).

de vida e arte se mesclam, confundem, desdobram e tocam, mostrando para o mundo o significado de "ser e estar". Em 1964 criou a obra *Caminhando*, trabalhando no campo da desconstrução, deslocamentos, onde ela impõe as situações, fazendo com que o espectador tome consciência de sua alienação e o ato e o corpo do espectador realizam a obra *Caminhando* (Carvalho, 2011, p. 135).

BORDADO POÉTICO DO COTIDIANO

A pesquisadora 2, Gabriela, também iniciou seu pensamento visual a partir das 3 ações iniciais, elaboradas com o objetivo de refletir sobre o espaço da casa. Assim como Adriana, Gabriela elaborou a atividade 1 - Percurso; 2 - Tarefas e 3 - Afetos.

Na primeira atividade, realizou um desenho sobre o seu espaço residencial e como seria o seu dia de trabalho ali, apontando o seu trajeto diário (trajeto esse costurado com uma linha vermelha). Na segunda ação, a pesquisadora 2 fotografou tarefas domésticas cotidianas que costuma realizar sempre. Já na terceira, ela fotografou os afetos cotidianos, representado nas imagens por seus animais e seu companheiro. Após isto, deu início a sua peça, *Bordado do cotidiano: trajetos, deveres e afetos no cotidiano* (Figura 5).

Utilizando a técnica do bordado sobre o tecido de algodão, com detalhes em crochê, o objetivo da peça foi estabelecer um vínculo com os aprendizados transmitidos por outras gerações de mulheres que vieram antes da artista. Porém, pensando que a partir desses aprendizados - que



Figura 6 - Femme Maison de Louise Bourgeois.
Fonte: Site MoMA.⁴

são coisas que lhe construíram - existe a potência humana, capaz de criar novas realidades e afetos.

Entre as principais referências para a proposta da pesquisadora 2, estão a obra "Femme Maison" de Louise Bourgeois (Figura 6); a produção "Mapas mentais de uma vida" (Figura 7), da brasileira Ana Amorim; a publicação digital "A nossa casa é onde a gente está",³ organizada pelo Instituto Tomie

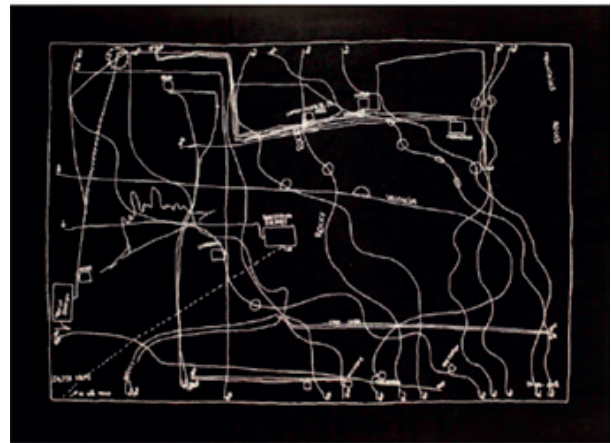


Figura 7 - Mapas mentais de uma vida.
Fonte: Site ArtecCapital.⁵

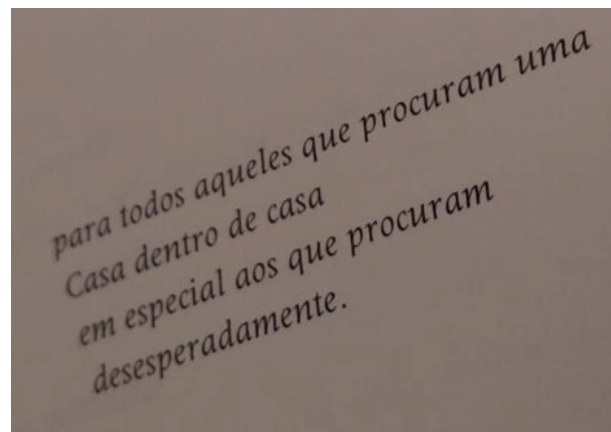


Figura 8 - Trecho do livro "Pequena Coreografia do Adeus".
Fonte: Arquivo (2022).

Ohtake e pelo Museu Astrup Fearnley, em virtude da iminência da pandemia da Covid-19 sobre a população mundial; e o livro "Pequena Coreografia do Adeus", de Aline Bei (é importante relatar que a figura que ilustra a capa é "Etats modifiés", também de autoria de Louise Bourgeois).

A pesquisadora 2 também pensou sua peça diante da afirmação de Juhani Pallasmaa (2016), de que a reflexão sobre a essência de um lar deve se preocupar com questões psicológicas e comportamentais. Segundo ele, "nos envolvemos com questões relativas à identidade e à memória, ao consciente e ao inconsciente, a resquícios comportamentais biologicamente motivados e a reações e valores culturalmente condicionados" (Pallasmaa, 2016, p. 12).

A relação com a casa aparece com a nossa apropriação do espaço doméstico, principalmente neste contexto de pandemia, onde esse ambiente assume outros papéis que antes não eram delegados a ele. Além disso, a analogia do corpo enquanto janela, no bordado, se relaciona com tudo aquilo que nos constitui enquanto pessoas. Olhar para a casa de alguém é algo muito íntimo e revela muito de quem mora ali, de como essa pessoa estrutura o seu cotidiano e assim, passa a dar sentido para os seus dias, o que Pallasmaa (2016) nomeia como *persona privada*.

O trabalho com a linha, neste sentido, referência as trajetórias presentes em nossas vidas, que se apropria do espaço doméstico, e a partir dele, “costura” a sua existência. Assim, esse é um espaço de cultivo da vida, em suas diversas formas. Como explica Pallasmaa (2016), uma casa não significa diretamente um lar. Segundo o autor, “um lar é uma expressão da personalidade do morador e de seus padrões de vida únicos. Por conseguinte, a essência de um lar é mais próxima da vida propriamente dita do que o artefato da casa” (Pallasmaa, 2016, p. 11).

Diferenciando espaços de lugares, Michel de Certeau (1998) entende que um espaço é um lugar praticado (De Certeau, 1998, p. 202), que contém em si um sistema de signos relacionados, negociados e em constante mudança, não sendo apenas uma dimensão geométrica. Neste sentido, para o autor:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo (De Certeau, 1998, p. 189).

Por isso, a criadora do bordado buscou não se ater especificamente à estrutura material da casa, como por exemplo suas paredes, telhado, ... e sim coisas singelas do cotidiano, que poderiam estar presentes em outro espaço físico e, mesmo assim, constituir seu lar. Como é uma pessoa que abre essa janela, seria possível dizer, inclusive, que isso “moraria” dentro deste ser.

Além disso, é perceptível nos quatro quadros do bordado a construção de uma rotina e de apropriação deste espaço da casa, por parte da

autora. Pallasmaa (2016, p. 12) fala que “um lar também é um conjunto de rituais, ritmos pessoais e rotinas do dia a dia”. O autor complementa, ao dizer que a essência do lar “não pode se constituir em um instante, pois possui uma dimensão temporal e uma continuidade, sendo um produto gradual da adaptação da família e do indivíduo ao mundo” (Ibidem).

Subvertendo a visão nostálgica sobre o lar da infância, presente em muitos ensaios, o objetivo da autora foi abrir espaço para o novo e para o lar que podemos construir, afinal, como aponta Pallasmaa (2016, p. 15), “é frustrante ser forçado a viver em um espaço que não possa ser reconhecido e marcado como um território pessoal”.

CONCLUSÃO

Ao finalizar as ações do cotidiano, cada pesquisadora construiu seu objeto artístico, entrelaçando referencial teórico e atividades diárias registradas, e formando uma única obra de arte. Estes momentos absorvidos, que se materializaram nesta poética do habitar e habitar o corpo, propiciaram uma nova forma de perceber ações comuns e momentos simples que constroem o nosso dia após dia, nos mostrando que somos seres independente, diferentes, únicos, dotados de características e identidade própria, experimentando modos de viver, conviver, sobreviver. Mesmo assim, muitos experimentam sensações e sentimentos parecidos sob determinadas circunstâncias, por exemplo numa pandemia, reagindo de formas diferentes, habitando-se, habitando os espaços e se deixando habitar. Esta é a nossa poética do cotidiano, é a nossa criação artística diária, que queremos explorar e mostrar com a pesquisa.

NOTAS

1. Covid-19 é a maior crise sanitária e hospitalar que o Brasil já enfrentou. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/coronavirus/covid-19-e-a-maior-crise-sanitaria-e-hospitalar-que-o-brasil-ja-enfrentou/>>. Acesso em: 28 ago. 2024.
2. Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/02/14/>>

mulheres-foram-mais-afetadas-emocionalmente-pela-pandemia.htm>. Acesso em: 18 set. 2022.

3. Publicação digital “A nossa casa é onde a gente está” está disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/5u982v50t4l47ip/A%20nossa%20casa%20%C3%A9%20onde%20a%20gente%20est%C3%A1%20%282%29.pdf?dl=0>>. Acesso em: 19 set. 2022.

4. Disponível em: <https://www.moma.org/s/lb/collection_lb/compositions/compositions_id_4358_sov.html>. Acesso em: 19 set. 2022.

5. Disponível em: <<http://www.artecapital.net/opiniao-199-donny-correia-ana-amorim-mapas-mentais-de-uma-vida-obra>>. Acesso em: 19 set. 2022.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, David W. S. **Da Ética ao Ethos: o habitar na morada originária segundo Heidegger**. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BEI, Aline. **Pequena Coreografia do Adeus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CARVALHO, Dirce Helena B. de. O corpo na poética de Lygia Clark e a participação do espectador. In: **Revista Moringa**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 131-142, jul./dez. de 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/11756>> Acesso em: 28 ago. 2024.

CATTANI, Icleia Maria B. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Élide. (Org.). **O meio como ponto zero: Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 35-50.

CAVALCANTE, Tiago V. Poética do habitar: pensando a casa como categoria geográfica. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 11 n. 132, p. 48-59, 2012.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. (L. Orlandi & R.Machado, Trad). Rio de Janeiro: Graal, 2006, (Trabalho original publicado em 1968).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo, capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

FELIPPE, Maíra L. Casa: uma poética da terceira pele. In: **Psicol. Soc.** [online], v.22, n.2, p. 299-308, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n2/10.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2021.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. In: **Psicologia em estudo**, v. 6, n. 1, p. 17-27, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/NTNFsBzXts5GHp4Zk8sBbyF/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 28 ago. 2024.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. Porto Alegre: Bookman, 2016.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PRADO, Samanta. Como é manter a arte viva em meio a uma pandemia. **Jornal do Campus**, 22 jul. 2020. Disponível em: <https://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/07/como-e-manter-a-arte-viva-em-meio-a-uma-pandemia/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Élide. (Org.). **O meio como ponto zero: Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 123-140.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. Fenomenologia do espaço e do habitar: noites estreladas e invólucros simbólicos. In: **VIRUS**, São Carlos, n. 5, 1-11, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus05/index.php?sec=4&item=3&lang=pt>> Acesso em: 28 ago. 2024.

SILVA, Fernando M. A experiência na construção de um corpo artístico: uma leitura a partir de Derrida e Deleuze. In: **Revista de Filosofia Aurora**, v. 20, n. 27, p. 385-411, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/viewFile/1807/1711>>. Acesso em: 2 mai. 2021.

SOUZA, Márcia Regina P.; TESSLER, Elida. Diários de bordo: A viagem como espaço poético. In: **Revista O Mosaico**, v.4, n.2, Curitiba, n. 8, p. 7-16, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/mosaico/article/view/41>> Acesso em: 28 ago. 2024.

SOBRE AS AUTORAS

Gabriela Schmalfluss Borges é Doutoranda e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); jornalista e especialista em Artes pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: gabischmalfluss@gmail.com

Adriana Viebrantz Braga é Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU-UFPel). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, e Especialista em Artes pela UFPel.

E-mail: arqui.adrianabraga@gmail.com

Daniela da Cruz Schneider é Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Instituto de Letras e Artes (ILA), nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais. Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

E-mail: danicschneider@gmail.com

Recebido em: 07/06/2024

Aprovado em: 19/08/2024